

A nova espiral narrativa de Dau Bastos (resenha)

Álvaro Marins

Museu Histórico Nacional

alvaro.marins@museus.gov.br

Resumo: A resenha aborda a estrutura narrativa desenvolvida por Dau Bastos em seu romance mais recente, *Espiral*. A utilização de múltiplos pontos de vista narrativos, lembrando a ideia de romance polifônico estabelecida por Bakhtin e a tradição dos múltiplos narradores no romance epistolar e na Literatura Brasileira. Os diálogos que o romance de Bastos trava com essas possibilidades: *As ligações perigosas*, de Choderlos de Laclos; *A crônica da casa assassinada*, de Lúcio Cardoso; e *Reflexos do baile*, de Antonio Callado. A releitura contemporânea dessa tradição e a singularidade de *Espiral*.

Palavras-chave: *Espiral*; Dau Bastos; Múltiplos narradores; Romance brasileiro; Literatura Brasileira

Abstract: The review analyses the narrative structure developed by Dau Bas-

tos on his new novel, *Espiral*. The use of multiples points of view, reminding the idea of polifonic novel established by Mikhail Bakhtin and the tradition of multiples narrators on epistolar novel and Brazilian Literature. The Bastos' novel dialogues with these possibilities: *Les liasions dangereuses*, by Choderlos de Laclos; *A crônica da casa assassinada*, by Lúcio Cardoso; and *Reflexos do baile*, by Antonio Callado. The contemporary re-reading of that tradition and the singularity of *Espiral*.

Keywords: *Espiral*; *Dau Bastos*; Multiples narrators; Brazilian novel; Brazilian Literature

Quando o filólogo russo Mikhail Bakhtin começou a estabelecer o conceito de romance polifônico, em que analisa, sobretudo, a obra de Dostoiévski, ele focou como objeto apenas romances e novelas que utilizavam narradores em primeira ou em terceira pessoa. Nesse sentido, creio que o romance *Espiral* (Rio de Janeiro, Ponteio, 2017 — ISBN 978-85-64116-98-6), de Dau Bastos, se presta com proveito a uma análise sob esse viés. Todavia, não me atrevo a tanto no espaço restrito de uma resenha. Antes, trata-se aqui de uma provocação e uma despreziosa sugestão para analistas de maior fôlego e competência.

Prefiro, assim, seguir a trilha mais simples da resenha, que se permite a vagar pelas primeiras impressões e trazê-las para o terreno mais restrito do comentário, na esperança de que algumas observações iniciais possam ser úteis para os potenciais leitores, colaborando, dessa maneira, para um melhor deleite da obra apresentada.

Espiral é um romance construído a partir de um narrador que se permite ser polifônico. Isso porque, sem deixar de utilizar um narrador em terceira pessoa, ao longo da narrativa, esse narrador vai, paulatinamente, deixando-se incorporar pela experiência de seus personagens. Pouco a pouco, a presença cada vez maior dos personagens vai assumindo a condução da narrativa e a trama vai se desenhando como uma constelação de personagens muito concretos, que orbitam um mesmo acontecimento, e cujas ações são determinantes e decisivas para o seu surpreendente desfecho.

Embora possamos aproximar o romance de Bastos, em sua estrutura mais profunda, aos romances epistolares, que teria nas *Ligações perigosas*, de Laclos,

sua forma mais bem acabada, o romancista constrói seu enredo polifônico de uma forma bastante particular, como veremos um pouco mais adiante.

Pensando ainda na elaborada estrutura narrativa criada pelo autor, penso que *Espiral* se prestaria também a uma aproximação com a monumental (mas meio esquecida atualmente) *Crônica de uma casa assassinada*, do também pouco lembrado Lúcio Cardoso — um escritor mineiro radicado no Rio de Janeiro a partir da década de 1930.

Uma primeira aproximação entre esses dois romances poderia se dar a partir do *leitmotiv*, muito semelhante em ambos os textos — a chegada de uma personagem feminina oriunda de uma cidade grande em uma cidade do interior brasileiro, e o quanto isso impacta na vida dos seus moradores.

No caso da *Crônica*, a bela e urbana Nina chega do Rio de Janeiro para viver na chácara da tradicional família de seu marido na pequena Vila Velha, em Minas Gerais; já em *Espiral*, é a chegada da jovem professora Hortênsia que, vindo de Maceió, irá mexer com o cotidiano da pequenina Nascea, no interior de Alagoas. Em ambos os casos aparecem o confronto entre a província e a cidade grande, devido à tensão provocada por mulheres de costumes, digamos, mais liberais, que colocam em xeque as tradições locais.

Nos dois romances o enredo é contado a partir de vários pontos de vista, caracterizando, por conseguinte, diferentes focos narrativos.

Entretanto, as estratégias dos autores desses romances se mostram diversas em seus formatos. Enquanto a narrativa da *Crônica* se estrutura a partir de cartas, memórias, diários, etc. — o que, em grande medida, aproxima esse romance dos primórdios do gênero com base na forma epistolar —, *Espiral* se estrutura a partir de um narrador em terceira pessoa que resgata, em outra medida, a onipotência, a onipresença e a onisciência do narrador do romance

clássico do século XIX. Digo em *outra medida* porque não se trata de uma repetição da fórmula estabelecida naquele século. Trata-se, na realidade, de uma releitura, ou, mais precisamente, de uma retomada consciente desse procedimento narrativo para revigorá-lo de uma forma muito própria.

Podemos dizer que *Espiral*, em termos de composição da narrativa, encontra-se a meio caminho entre o romance epistolar de Laclos e a estrutura polifônica de Dostoiévski vislumbrada por Bakhtin, sendo que o romance de Bastos se encontra, parece-me, mais próximo dessa segunda estrutura. Ao mesmo tempo, ele vincula-se à tradição da família de romances que se configuram a partir das formas básicas do romance epistolar, mas incorporando as experiências mais contemporâneas dessa forma, como *Reflexos do baile*, de Antonio Calado, e que, em uma das voltas de sua espiral, encontra-se com a *Crônica* de Cardoso, como já sugerimos aqui. E é aí que o romance de Dau Bastos começa a se singularizar e parece encontrar um espaço muito próprio na cena do romance contemporâneo brasileiro.

Outra característica perceptível em *Espiral* é que ele conta uma história com início, meio e fim, focado em uma única trama. Quem lê essas linhas poderia, então, concluir que não estamos falando exatamente de um romance e que estaríamos mais no campo da fábula, ou talvez no da novela. Mas não. Estamos, sim, falando de um romance que explora de forma bastante específica os procedimentos característicos desse gênero cheio de possibilidades. O tratamento renovado desses procedimentos é que confere ao romance sua originalidade.

Por conta disso, o enredo do romance de Bastos é fortemente centrado na sequência cronológica dos fatos que o compõem. Isso não significa, no entanto, que os personagens apenas ajam e não sejam construídos do ponto de vista histórico, sociológico e psicológico. Eles o são, de fato, a partir da curiosa espiral elaborada pelo romancista. A cada volta da espiral (do narrador) em

torno do eixo central do romance — que é o seu enredo —, novos dados são acrescentados à composição de cada personagem, dando continuidade à trama e acrescentando novos elementos à compreensão da situação narrada.

Cada vez que a espiral encontra um ponto da sua constelação — os personagens —, observamos seu giro em torno desse ponto até o momento em que ela parte novamente em busca dos outros pontos, a repetir o giro em torno dele e, assim, sucessivamente, várias vezes, até o término da narrativa.

Todo esse sistema — a narrativa — constrói-se como uma verdadeira constelação de personagens em torno de uma situação inicial que se desenvolve continuamente, em que cada elemento visitado pela espiral contribui para o seu funcionamento. Não há, portanto, personagens principais e secundários — e esse é mais um motivo porque falamos em polifonia no início desta resenha. Todos atuam e participam para a construção da narrativa, que se desenrola diante de um leitor obrigado, a cada etapa do circuito, a suspender sempre sua expectativa inicial, tornando-as sempre provisórias. Isso se repete a cada volta e giro da espiral em torno dos personagens, e a cada volta completa em torno do enredo, criando e mantendo uma atmosfera de permanente expectativa e suspense.

Contribui muito para esse efeito o ritmo criado pela espiral, marcado principalmente pelo tamanho dos parágrafos, muito semelhantes entre si, e pelo uso recorrente de orações coordenadas, que esticam ao máximo os períodos a cada volta narrativa em torno de cada um dos personagens.

Elaborada a partir dessa complexa estrutura, a história da chegada da professora Hortência à pequena Nascea no interior alagoano oferece ao leitor, além de uma profunda e analítica interpretação do país a partir de acontecimentos imaginariamente ocorridos no significativo ano de 1969, uma experiência de leitura rica e inovadora.